

Preservação de Variedades



Figura 1: *C. leopoldii* forma pelórica “Sebastião Vieira”

Um dos aspectos mais apaixonantes da arte de cultivar orquídeas e que nos cativou desde que começamos a estudá-las e colecioná-las no início dos anos 80 é a possibilidade de através de cruzamentos e do uso dos conceitos básicos de genética, conseguir melhorar, do ponto de vista técnico, mesmo as espécies mais vistosas, além de produzir flores com novas características, seja cruzando-se plantas de mesma espécie ou de espécies diferentes.

Do ponto de vista genético, as possibilidades são sempre enormes quando cruzamos duas plantas com características diferentes. As suas cargas genéticas são misturadas e sobressairão as características dominantes. Se as duas plantas forem escolhidas com alguns critérios, as chances serão muito ampliadas. Devido ao tempo relativamente longo para se ver os resultados (em média 5 anos), é aconselhável que o orquidófilo, antes de começar a fazer cruzamentos, estude os conceitos básicos de genética e mais importante ainda, que observe os resultados

(bons ou ruins), de cruzamentos feitos por outras pessoas. Pesquisas, conversas e observações ajudam muito.

Orquidófilos experientes são sempre excelentes fontes de pesquisa e quase sempre estão à disposição para ajudar.

A falta de critérios e conhecimentos básicos tem levado muitos orquidófilos a desistirem de cruzamentos. Após longos anos de espera os resultados podem ser frustrantes. Entretanto, a renovação da orquidofilia passa necessariamente por novas plantas sejam híbridos ou espécies. Nada mais desanimador do que ver ano após ano as mesmas plantas nas exposições, tendo-se que premiar apenas as mais bem cultivadas.

Outro aspecto, talvez o mais importante, refere-se à perpetuação de espécies e variedades.

Muitos clones têm sido perdidos pelo egoísmo ou ignorância de seus proprietários que se recusam a fazer cruzamentos, negociar mudas ou mesmo ceder políneas de suas plantas.

Essa atitude contrasta com aquela de pessoas preocupadas em preservar e aumentar, através de cruzamentos, o número de variedades das espécies de orquídeas colecionadas. Felizmente o número desses parece ser maior que o daqueles. Nesse artigo mostramos um exemplo, com o trabalho que desenvolvemos com a *Cattleya leopoldii* forma pelórica "Anita Garibaldi" e que esperamos sirva para a preservação de muitos outros clones.

Esse clone excepcional de *Cattleya leopoldii* foi encontrado em Laguna, SC. Devido a sua origem homenageamos a heroína daquela cidade dando o nome de "Anita Garibaldi".

Essa planta, que corresponde em forma a *C. intermédia* aquinii, tem suas pétalas transformadas em labelos com coloração fortemente purpúrea e com as sépalas marrons esverdeadas.

Assim que conhecemos essa planta, ficamos entusiasmados com as possibilidades de cruzamentos tendo visto o que a *C. intermédia* aquini contribuiu e continua contribuindo, a nível mundial, para o desenvolvimento de híbridos flameados e mesmo na *C. intermedia*, para o melhoramento de flâneas, aquiniis e pelóricas.

Dessa forma iniciamos, aí pelos anos 90, uma série de cruzamentos com plantas que apresentassem labelos com alguma característica marcante.

Porque o labelo? Bem, já que a *C. leopoldii* "Anita Garibaldi" possuía as pétalas transformadas em labelos e sabendo que esta característica se transmite numa percentagem da progênie da *C. intermédia* aquinii, imaginamos que o mesmo iria ocorrer na *C. leopoldii*. O que não imaginamos é que tivéssemos plantas tão perfeitas já na primeira geração, como a planta resultante do nosso cruzamento número 61: *C. forbesii* "Ponte" x *C. leopoldii* "Anita Garibaldi", um antigo híbrido primário de nome *C. Dayana* – fotos abaixo.



A *C. forbesii* em questão é uma planta quase albina com pétalas e sépalas verde claro e labelo com o tubo branco externamente e amarelo com estrias douradas internamente.

Desse cruzamento aproximadamente 30 % das plantas saíram flameadas, com diversos graus de intensidade, mas sempre mostrando as estrias da *C. forbesii* nas flâneas. Como era esperado, nenhuma planta saiu pintada. É que as pintas são recessivas quando cruzamos plantas pintadas com plantas não pintadas, como as Laelias, por exemplo ou mesmo Cattleyas sem pintas com a *C. forbesii*.

Aproximadamente 80% das plantas saíram com as características de ambas as plantas bem misturadas enquanto mais ou menos 10% saíram mais parecidos com a *C. forbesii* e 10% mais parecido com a *C. leopoldii* típica.

As plantas floriram com quatro anos após a sementeira e florescem durante todo o verão. Nesse momento, abril de 2003, estamos com uma belíssima *C. Dayana* flânea florida tardiamente.

A descendência de *C. leopoldii* "Anita Garibaldi" continuou a nos trazer surpresas agradáveis e já vimos flores flameadas espetaculares dos cruzamentos de *C. aelandiae*, *C. velutina*, *C. bicolor*, *C. dormaniana*, BLC. Memória Helen Brown, *L. pumila* e obviamente com a própria *C. leopoldii* da qual usamos a planta tipo, a variedade flânea, a albina e a coerulea. Com essas duas últimas, já estamos na segunda geração e a expectativa é grande!



Figura 2: *C. leopoldii* X *C. aelandiae*



Figura 3: *C. leopoldii* X *C. granulosa*

Com os cruzamentos entre as *C. leopoldiis* o resultado não poderia ser melhor. Ano após ano temos visto florirem flâneas, peloriadas e trilabelos incríveis, com as quais jamais sonhamos!

Temos ainda a florir outros cruzamentos, como por exemplo, com *C. schilleriana*, na tentativa de colocar seu maravilhoso labelo nas pétalas.

Como se podem ver os próximos anos serão de muita expectativa e temos certeza de que elas serão superadas.



Poderíamos, entretanto, estar há anos apreciando “apenas” a floração dessa planta rara e fantástica, mas isso seria desprezar todo o seu potencial genético e a criação de novas variedades de forma e colorido.

Assim, se você é o feliz possuidor de uma planta rara, por favor, perpetue-a!

Carlos Gomes

Orquidário Carlos Gomes

Florianópolis – SC – 2003